

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



Não dá samba

O mosquito pulula de poça em poça, aproveitando o lixo descartado sem cuidado, enquanto o povo pula. Nada é capaz de parar o carnaval no Brasil. Anos atrás, senhores respeitáveis amarravam as pontas da camisa social na frente da barriga e saíam com uma mamadeira cheia de pinga; hoje é diferente.

Na verdade, ninguém mais precisa do carnaval para se expor, vestido de odalisca ou de pirata; as fantasias caíram em desuso. Nem máscara se usa mais. E também não tem mais marchinha nova — exceto a do João Roberto Kelly, como todo ano, mas que não vai tocar em lugar nenhum. E o carnaval já foi a época mais profícua da música brasileira.

Todos os anos as sociedades de direito autoral publicavam catálogos com as novidades. Eram centenas de canções para embalar o que se chamava de tríduo momesco — eram só três dias — com partituras para instrumentos de sopro, facilitando a vida das bandas. Eu conservo centenas de modinhas e catálogos que ganhei de uma das maiores autoridades em carnaval do Brasil, Renato Vivacqua; milhares de marchinhas e sambas.

São canções que contam a história social do Brasil,

uma herança da galhofa que começou ainda no tempo do império e cruza a república desde Deodoro, cuja esposa foi vítima da irreverência. “A mulher do Deodoro/ É uma grande caloteira/ mandou fazer um vestido/ Não pagou a costureira”, cantava-se à boca miúda.

A vida brasileira passa pelo carnaval. Desde a campanha de desratização de Oswaldo Cruz, em Rato, Rato (1904), passando por crimes marcantes, como o assassinato de dois joalheiros — “Mandei fazer um terno/ De Jaquetão/ pra ver Carlito e Roca/ Na Detenção”, cantou-se em 1907 — até troça com os poderosos. “Com a morte do Barão/ Tivemos dois carnavais/ Ai, que bom, ai que gostoso/ Se morresse o Marechá”. O Marechal era o presidente.

Em 1921, o mineiro Artur Bernardes e o fluminense Nilo Peçanha travavam uma encarniçada disputa pela sucessão de Epitácio Pessoa



na presidência do país. Deu marcha: “Rolinha (apelido de Bernardes) desista/ Abaixa essa crista/ Embora se faça uma bernarda/ A cacete/ Não vais ao Catete (então sede do governo)”, dizia Ai Seu Mé. O autor, Freire Júnior, foi preso.

Também havia marchinhas a favor. O presidente Washington Luiz foi saudado com *É sim senhor*, em 1929, sobre a política de abrir estradas. “Ele é

estradeiro?/ É sim senhor/ Habilitado?/ É sim senhor/ Mas e o cruzeiro?/ Ovo gorado?” (Eduardo Souto).

Tinha notícia da guerra, ridicularizando: “Adolfito bigodinho era o toureiro/ Que dizia que vencia o mundo inteiro”, em *Adolfito Mata-Moros*, de João de Barro e Alberto Ribeiro. Ou sobre a marcha dos militares nazistas. “Que passo é esse, Adolf?/ Que dói a sola do pé/ É o passo do gato, não é/ É o

passo do rato, não é”, marchinha de Haroldo Lobo e Roberto Roberti.

Nem ditador escapava. Vargas recebeu a pena de Lamartine Babo: “Tu és o tipo do sujeito indefinido, carcomido/ Que só quer tirar partido... Parei contigo! Nas eleições foi o diabo/ Pois tu eras meu cabo/ E votaste no inimigo”.

E hoje? Parece que nossa história não dá mais samba. Nem para falar mal.